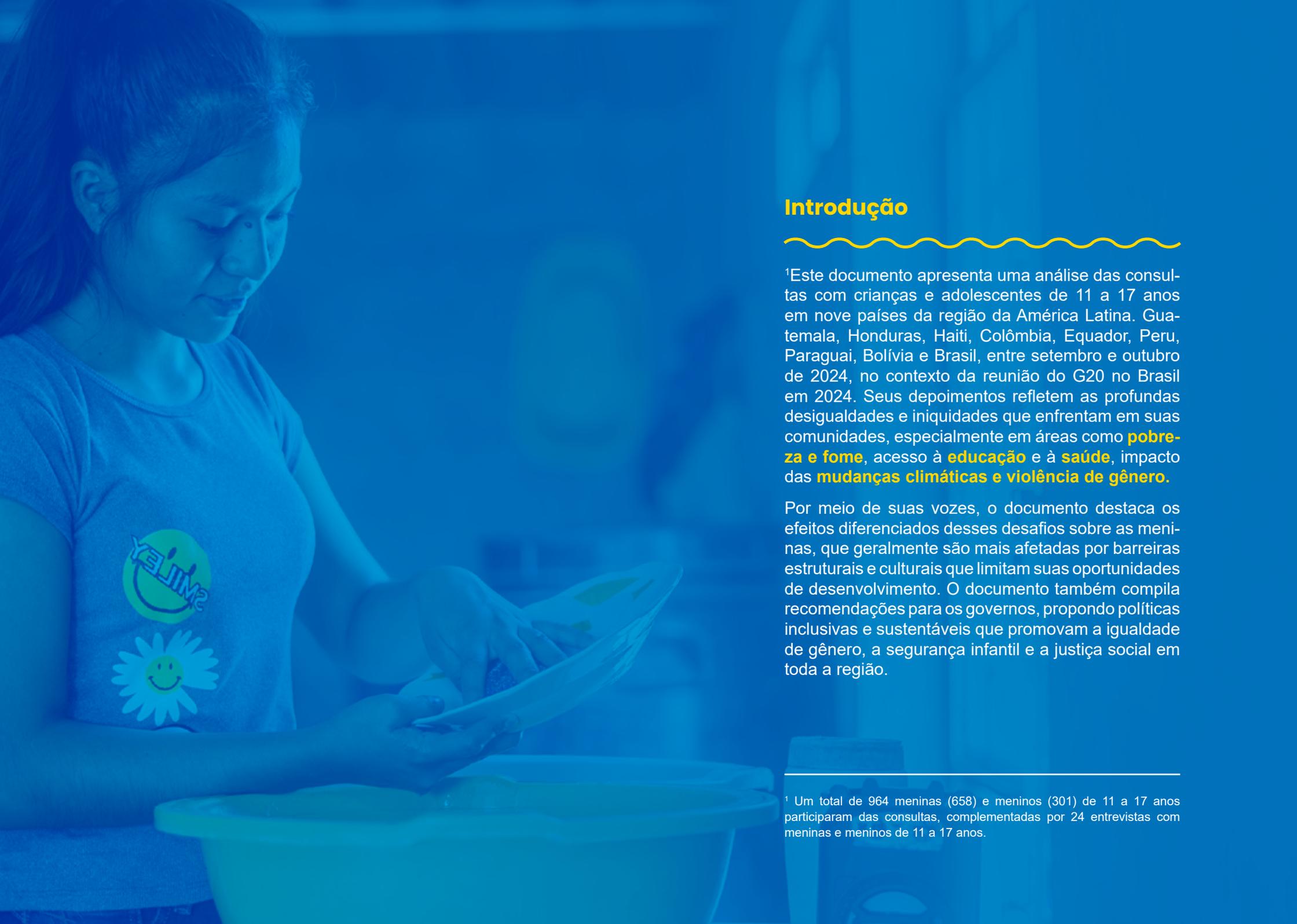




O que meninas e meninos da América Latina e Caribe têm a dizer aos líderes do G20

Resumo das consultas regionais com crianças para o G20 Brasil 2024





Introdução

¹Este documento apresenta uma análise das consultas com crianças e adolescentes de 11 a 17 anos em nove países da região da América Latina. Guatemala, Honduras, Haiti, Colômbia, Equador, Peru, Paraguai, Bolívia e Brasil, entre setembro e outubro de 2024, no contexto da reunião do G20 no Brasil em 2024. Seus depoimentos refletem as profundas desigualdades e iniquidades que enfrentam em suas comunidades, especialmente em áreas como **pobreza e fome**, acesso à **educação** e à **saúde**, impacto das **mudanças climáticas e violência de gênero**.

Por meio de suas vozes, o documento destaca os efeitos diferenciados desses desafios sobre as meninas, que geralmente são mais afetadas por barreiras estruturais e culturais que limitam suas oportunidades de desenvolvimento. O documento também compila recomendações para os governos, propondo políticas inclusivas e sustentáveis que promovam a igualdade de gênero, a segurança infantil e a justiça social em toda a região.

¹ Um total de 964 meninas (658) e meninos (301) de 11 a 17 anos participaram das consultas, complementadas por 24 entrevistas com meninas e meninos de 11 a 17 anos.

Pobreza e fome

A pobreza afeta as crianças e os adolescentes em suas comunidades de forma única e profunda, afetando seu desenvolvimento, educação, saúde e bem-estar geral. Em seus depoimentos, as crianças e os adolescentes destacam como a **pobreza** intensifica a desigualdade de gênero, especialmente limitando as oportunidades das meninas e aumentando o risco de violência, exploração e casamento precoce. Nesse sentido, as crianças e os adolescentes avaliam que a primeira e a segunda causas da pobreza em suas comunidades são o desemprego e a falta de recursos (34% e 33%, respectivamente). Da mesma forma, **41% das crianças comentaram que não têm certeza de que outras crianças em suas comunidades tenham acesso a três refeições por dia.**

Como comenta Ashly Yajaira, 12 anos, de Honduras:

“Muitas meninas vivem nas ruas e tiram proveito dessa situação em termos de abuso, estupro, desintegração familiar, que também é diferente para as meninas porque elas se tornam donas de casa e criam seus irmãos, elas se unem a um homem desde cedo, trabalham e seus esforços não são valorizados igualmente, não são pagas igualmente”

Impacto diferenciado em educação e trabalho

- No caso do acesso à educação, 43% das crianças e adolescentes consideram que nem todas as crianças de sua comunidade têm as mesmas possibilidades de ir à escola.
- As meninas mencionam ter abandonado a escola devido às responsabilidades domésticas e à falta de apoio para continuar seus estudos, uma barreira exacerbada em famílias de baixa renda. **“As meninas ficam em casa ajudando, ao contrário dos meninos, que têm mais oportunidades de trabalhar e continuar estudando”** (Dévorah, 14 anos, Peru).
- Nas comunidades onde predominam os empregos informais, as meninas estão mais expostas aos riscos de exploração e tráfico devido aos estereótipos e ao emprego precário: **“Os empregos disponíveis aceitam menos mulheres e, às vezes, escondem os riscos de tráfico”** (Adolfo, 17 anos, Peru).

Exposição à violência e risco de casamentos precoces

- A violência e o casamento infantil aparecem repetidamente como problemas, especialmente em contextos rurais. **“Em minha comunidade, há casos de uniões precoces por causa da dependência gerada pela pobreza e pelos estereótipos”** (Minerva, 17 anos, Peru).
- A pobreza exacerba a vulnerabilidade à violência em espaços públicos, onde as meninas sofrem assédio e violência física, principalmente em áreas urbanas marginalizadas: **“As meninas são mais suscetíveis à violência; a pobreza menstrual também limita sua participação”** (Karen, 17 anos, Brasil).

Acesso limitado a serviços de saúde menstrual e produtos de higiene menstrual

- 32% das meninas e adolescentes tiveram acesso a produtos de higiene menstrual apenas ocasionalmente e 4% nunca tiveram acesso. A pobreza menstrual é apresentada como uma grande barreira para as meninas adolescentes, afetando sua saúde e participação em espaços educacionais: **“As meninas precisam de produtos menstruais, mas o acesso é limitado e afeta sua saúde”** (Ashley, 17 anos, Equador).
- 38% faltaram à escola devido à menstruação. Isso revela como as barreiras econômicas e sociais afetam desproporcionalmente as meninas e adolescentes em questões de saúde e higiene.
- O acesso a serviços médicos também é restrito, especialmente em comunidades rurais ou distantes dos centros urbanos, o que tem um impacto maior sobre as meninas. **“Temos que viajar para a cidade para fazer diagnósticos médicos; sem recursos, as meninas ficam sem atendimento”** (Cielito, 14 anos, Bolívia).

Desigualdades na distribuição de recursos e alimentos

- As meninas geralmente recebem menos alimentos em contextos de escassez, devido às normas de gênero que priorizam a alimentação dos homens. *“A comida é dada primeiro ao pai ou ao irmão; as meninas geralmente sofrem de desnutrição ou anemia”* (Daphne, 17 anos, Colômbia).

“

Quando há pobreza em uma comunidade, as meninas são mais marginalizadas. Elas enfrentam estereótipos que limitam suas oportunidades, enquanto os meninos têm mais liberdade para continuar seus estudos ou trabalhar.” (Daphne, 17 anos, Colômbia).

Efeitos da mudança climática

78% das crianças acreditam que as mudanças climáticas podem afetar suas vidas. Nesse sentido, as respostas das crianças às perguntas sobre as mudanças climáticas refletem tanto a experiência direta de seus efeitos quanto suas percepções sobre a responsabilidade dos governos em lidar com elas. O que as crianças dizem oferece uma janela para a forma como elas vivenciam essa crise ambiental, revelando tanto preocupações compartilhadas quanto perspectivas exclusivas de seu contexto.

Suas experiências destacam como as condições extremas afetam sua **educação, saúde, segurança e bem-estar emocional**.

Isolamento e acesso limitado a serviços essenciais: como segunda prioridade dos impactos das mudanças climáticas (35%), as crianças consideraram a perda da colheita e da produção de alimentos e, como quarta prioridade (27%), menos acesso à água. Além disso, as crianças de todos os nove países consultados concordaram que sofrem com tempestades/chuvas fortes que bloqueiam o acesso a hospitais, afetando seu bem-estar físico e emocional. Isso gera estresse, pensamentos negativos e episódios de raiva, além de instabilidade econômica para suas famílias devido ao cancelamento de empregos por causa do mau tempo. Dyrón, de 14 anos, do Peru, disse:

“

Ficamos isolados nas emergências... Isso nos afeta física e emocionalmente. Ficamos estressados, e as chuvas nos fazem ter pensamentos negativos.

- **Impacto sobre a educação e a saúde mental:** a falta de infraestrutura e o clima extremo forçam algumas escolas a sair mais cedo devido ao calor insuportável. Isso afeta o aprendizado, pois eles perdem as aulas, o que significa menos preparação para o futuro. Minerva, 17 anos, do Peru, disse: *“O calor na escola é tanto que perdemos as aulas... isso nos afeta academicamente e na preparação para uma vida independente.”*
- **Vulnerabilidade a doenças e condições precárias:** as enchentes e a água estagnada aumentaram os casos de dengue e outras doenças. As más condições dos centros de saúde significam que as famílias, especialmente as meninas, enfrentam riscos ao buscar tratamento. Cielito, de 14 anos, da Bolívia, disse que sua amiga *“estava com dengue grave, mas felizmente eles diagnosticaram a tempo.”*

- **Maior risco para meninas durante desastres:** situações de emergência expõem as meninas a um maior risco de violência e estupro em abrigos. Isso agrava os desafios de segurança e acesso à higiene, como Karen, de 16 anos, do Brasil, comentou: *“Nos abrigos, que deveriam ser seguros, houve muitos casos de assédio e estupro... as meninas ficam mais expostas nesse momento.”*

- **Adaptação limitada e falta de políticas sustentáveis:** 48% das crianças consideram que sua comunidade, território ou cidade não está preparada para os impactos das mudanças climáticas. Os jovens expressam a necessidade de implementar campanhas de conscientização ambiental e práticas sustentáveis em setores como agricultura e pecuária. Eles também destacam a importância de envolver as crianças em soluções para preservar o meio ambiente. Como Belen, de 13 anos, da Bolívia, explicou: *“Devemos implementar nossas ideias... o adultocentrismo muitas vezes não nos leva em conta e continua sendo apenas uma foto.”*

Meninas e meninos são profundamente afetados pelas mudanças climáticas e, muitas vezes, enfrentam desafios adicionais devido às desigualdades de gênero. Suas experiências destacam a urgência de políticas inclusivas e sustentáveis que considerem seu bem-estar e garantam seu futuro em um ambiente seguro e saudável.



Desigualdade e violência de gênero

Tanto as meninas quanto os meninos demonstram uma clara consciência da desigualdade de gênero e dos tipos de violência enfrentados por meninas e mulheres em particular. Alguns pontos relevantes são destacados abaixo:

Aumento da exposição de meninas e mulheres à violência e à exclusão:

- Meninas e adolescentes expressam que se sentem mais expostas à violência sexual e ao assédio. Por exemplo, elas mencionam que *“uma mulher não pode sair sozinha na rua muito tarde devido aos riscos que corre, como assédio ou violência sexual.”*
- Há estereótipos sociais percebidos que limitam as atividades das meninas: *“Por sermos mulheres, eles nos afastam porque acham que somos fracas... até hoje não nos deixam jogar futebol porque é um jogo de homens”*
- Lamoni, de 17 anos, do Brasil, comenta: As meninas, na realidade, estão muito mais expostas e em maior desvantagem pela exclusão. *“Uma mulher negra, além de ser negra, é uma mulher, e ainda assim sofre por não ser reconhecida e não ser valorizada. Os meninos também sofrem preconceito quando são negros porque o mundo é racista, os LGBT também porque o mundo é LGBTfóbico.”*

As meninas destacam a complexidade das experiências de discriminação e exclusão que as meninas enfrentam, bem como a interseccionalidade das identidades. A citação nos lembra que as lutas pela igualdade devem considerar as interseções de raça, gênero, orientação sexual e outras identidades, o que nos permite desenvolver estratégias mais eficazes e justas para o empoderamento de todas as meninas e mulheres.

Igualdade de oportunidades:

- Meninas e meninos enfatizam a necessidade de educação precoce sobre igualdade de gênero nas escolas e em casa, para que meninos e meninas cresçam com a ideia de que têm direitos e responsabilidades iguais.
- As crianças também destacam a importância da participação das mulheres no local de trabalho: *“Eles deveriam aceitar mulheres em trabalhos como construção”.*

- Alguns sugerem medidas governamentais, como a implementação de políticas que sejam de fato aplicadas e leis que garantam igualdade de remuneração e de oportunidades.

- 30% das crianças não acreditam que todas as pessoas, independentemente de sexo, gênero, raça ou etnia, têm oportunidades iguais em sua comunidade e são tratadas com igualdade, e 53% acreditam que há discriminação em sua comunidade com base em sexo, gênero, raça ou etnia.

- 21% das crianças acham que os adultos e/ou as autoridades não estão preocupados com a discriminação. Em seguida, 32% acham que os adultos se preocupam com o assunto, mas não fazem nada a respeito. E 5% acham que os próprios adultos e/ou autoridades discriminam.

Capacitação e educação:

- Eles enfatizam a importância de fornecer educação e recursos a mulheres e meninas para que elas possam ser independentes e não dependam de outras pessoas para tomar decisões.

- Ele destaca a necessidade de “capacitar meninas e mulheres” para que elas conheçam seus direitos e tenham confiança para se manifestar sem medo de julgamento.

Desafiar os papéis e as normas de gênero:

- Minerva, 17 anos, do Peru, menciona como os papéis de gênero foram inculcados em seus filhos desde a mais tenra idade: **“Fomos privados de muitos direitos ao longo do tempo”**. Elas pedem às famílias e à sociedade que parem de perpetuar esses estereótipos.

- Lariely, 17 anos, do Brasil, diz: **“Eu gostaria que eles ouvissem mais as meninas, não é porque somos mais vulneráveis que não temos poder e não podemos ser líderes, falar, ser ouvidas, dar espaço para nos expressarmos, ouvir mais as meninas sem querer nos silenciar e incentivar o respeito desde cedo para combater o machismo e seus efeitos”**.

As vozes de meninas e meninos ressaltam a necessidade de criar espaços seguros e equitativos para que todos cresçam livres das restrições da violência de gênero e das normas prejudiciais de gênero que foram transmitidas e normalizadas de geração em geração.

Recomendações aos governos a partir das vozes de crianças e adolescentes da região



Os depoimentos de crianças e adolescentes da região refletem como a pobreza, as mudanças climáticas e as realidades de violência exacerbam as desigualdades de gênero, limitando as oportunidades de desenvolvimento para as meninas e perpetuando normas sociais e estereótipos que condicionam as meninas a assumir papéis domésticos desde cedo. De acordo com suas perspectivas, é essencial que os governos promovam políticas e programas que abordem as seguintes áreas principais:

1. Ações de combate à pobreza e à fome: as crianças consultadas concordam que as principais estratégias de combate à pobreza devem se concentrar em melhorar o acesso a empregos e recursos financeiros, além de garantir uma distribuição justa de alimentos. Essas ações não apenas aliviarão a privação econômica, mas também ajudarão a reduzir os encargos domésticos e de cuidados que muitas meninas assumem em casa devido à falta de recursos.

a. Acesso equitativo à educação: A educação é vista por meninas e meninos como um direito fundamental e uma ferramenta de mudança. Recomenda-se que os governos estabeleçam subsídios e programas de apoio que incentivem as meninas a permanecerem na escola, oferecendo assim alternativas que lhes permitam desenvolver seu potencial sem as limitações impostas pelos estereótipos de gênero e pelos papéis domésticos.

b. Conscientização e apoio à pobreza menstrual: para muitas meninas adolescentes, a falta de recursos de higiene menstrual limita sua participação na escola e na comunidade. Garantir o acesso a produtos de higiene adequados e à educação sobre saúde menstrual é fundamental para reduzir as desigualdades e apoiar a participação plena das meninas em sua educação e desenvolvimento social.

2. Políticas climáticas inclusivas com foco na segurança infantil: as crianças compartilharam como as mudanças climáticas afetam sua saúde, educação e bem-estar, especialmente em situações de desastre, em que as meninas enfrentam maior risco de violência em abrigos. Recomenda-se que os governos implementem políticas inclusivas de mudança climática, garantam planos de emergência acessíveis e seguros para as crianças e estabeleçam infraestruturas educacionais adaptadas a condições climáticas extremas. Além disso, é fundamental incentivar a participação ativa de crianças e jovens na elaboração de políticas ambientais, de modo que suas perspectivas sejam integradas à tomada de decisões.

3. Fortalecimento da educação sobre igualdade de gênero e prevenção da violência desde a infância: As crianças destacaram a exposição das meninas à violência baseada em gênero e aos estereótipos que limitam suas oportunidades. Os governos devem promover a educação sobre igualdade de gênero nas escolas e na comunidade desde cedo, garantindo que meninas e meninos conheçam seus direitos e responsabilidades sem preconceitos. Isso incluiria programas de empoderamento que capacitassem as meninas e sensibilizassem os meninos para o respeito e a igualdade, construindo assim uma base sólida para reduzir o machismo e a violência de gênero nas gerações futuras, integradas à tomada de decisões.

a. Prevenção de casamentos e uniões precoces: As meninas expressam preocupação com o casamento infantil como uma forma de violência e exclusão. Recomenda-se que os governos fortaleçam as políticas de proteção e os programas de conscientização da comunidade para evitar uniões precoces, promovendo uma infância gratificante e livre de violência para todas as meninas.





www.plan.org.br